



# Gaiato

20 DE JULHO DE 1974

ANO XXXI — N.º 792 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## Tribuna de COIMBRA

O «Gravatas» canta *flor de trigo* que será *pão de paz* para matar a fome aos homens famintos. Ele canta enquanto vai caçando de branco a sala de jantar.

Jesus Cristo serviu-Se muitas vezes de parábolas para fazer entender o que dizia. Não há ambiente para falar de paz como revestindo de branco as paredes duma sala de jantar. Falar em matar a fome quem canta agarrado ao trabalho. Cantar a *flor de trigo*, cuja cultura os homens vão abandonando ou trocando por outros lucros. Apregoar a liberdade é dom interior dos homens que se sentem livres.

Tenho procurado estar atento à vida nacional dos últimos tempos. Senti também alegria na alegria que vi no rosto dos outros.

Nos corações despertou a confiança. Começamos mais a ver-nos nos olhos.

Passados dois meses temos de aceitar que há homens que não entendem a liberdade. Atitudes de professores e alunos, atitudes tão banais! Greves da Carris, dos padeiros de Lisboa, dos C.T.T. Reuniões, reuniões; comícios, comícios; ameaças, ameaças. Tantas vidas paradas!

Quero beijar as mãos da funcionária dos C.T.T de Coimbra que não quis aderir à greve, pois entendeu que o seu dever era trabalhar neste momento em que o País tem necessidade de ser construído e não destruído por braços cruzados; embora aceite o direito à greve.

O «Gravatas» continua a cantar *flor de trigo* e *pão de paz* e vai tornando acolhedora mais uma sala de jantar. Tem razão para cantar, pois, com seu trabalho humilde, está a matar a fome dos que sofrem a injustiça.

Padre Horácio

## PAI AMÉRICO

**J**ULHO é, por excelência, o seu mês natalício. Aos vinte e oito dias dele no ano de 1929 recebeu em Coimbra o sacerdócio de Cristo. Eis a data limiar da sua contagem da vida. «Antes foi tempo perdido.»

Vinte e sete anos depois menos doze dias, o Senhor colheu-o do mundo e introduziu-o na Vida. Outro marco miliário; outra data natal — 16 de Julho de 1956.

Para nós estes dois acontecimentos definem um eixo polar em torno do qual roda a nossa vida. O seu nascimento sacerdotal foi uma promessa — e 27 anos bastaram para ele a cumprir plenamente; o nascimento para o Céu, aquela morte da semente sem a qual a vida se não renova e multiplica.

Intensamente viveu. Por isso a maturação não tardou e a fecundidade foi maravilhosa. A morte do Justo é um triunfo. A juventude cresce-lhe beleza!

Gosto de assim me sintonizar com Pai Américo, de prescindir dos 42 anos de preparação de me fixar nos 27 em que consumou a sua paixão por Cristo em realizações de amor aos homens. Esqueço-lhe os cabelos grisalhos, a aparência de envelhecimento. Jovem é quem se guarda em Deus — alegria da verdadeira juventude.

Juventude é, pois, um carácter essencial de Pai Américo. O vigor, a graça que lhe são próprias dinamizaram-no enquanto lutador do bom combate; e agora, na posse da glória que lhe estava destinada, actualizam a sedução do seu caminho: «revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Outra nota essencial e sempre rara: o seu equilíbrio. Avançada na sociedade do seu tempo, não desdenhou os valores perenes nem se envergonhou deles; não confundiu revolução com subversão; não fez do «pôr a luz no candeeiro» um culto de personalidade. Sabendo que «sem Cristo nada é possível e com Ele nada é impossível — neste sentido não aceitou dúvidas» e procurou renovar sem destruir. Aceitou o homem e não o pretendeu anjo. Mas ambicionou para ele as altas metas de que ele, querendo, é capaz. Fazê-lo querer a Justiça e, por amor dela, ajudá-lo a aceitar o corte de tudo o que rouba energias a este esforço ascensional: o orgulho, a ambição, o egoísmo, a carne..., todas as paixões desordenadas que cabem sob a designação de amor-próprio; vencer este pela expansão do amor dos outros; pulir o homem pelo desgaste que importa o serviço dos outros — tudo isto são marcas do seu espírito e armas da sua pedagogia.

Impetuoso, como é característico do carisma profético e dos grandes realizadores, foi um homem de paz, profundamente respeitador das convicções alheias quando sinceras, conscientes e não apenas fruto da inércia. Zurzir o pecado e amar o pecador foi sempre a atitude do seu espírito, à



Cont. na TERCEIRA página

## MINI-DINOSSAUROS EXCELENTÍSSIMOS

«Há tempos escrevemos nestas colunas um pequeno artigo intitulado «O Paternalismo de baixo». Ai se lembrava que o termo paternalismo ainda aparece, no bom sentido inicial, em Fidelino de Figueiredo e Machado de Assis, que o aplicam ao modo de governar, justo e benevolente, de alguns reis ou chefes. Depois, a palavra carregou-se de sentido pejorativo, passando a significar o abuso daqueles que, não sendo pais, querem exercer o poder paterno, e dos próprios pais que se excedem nas exigências da sua natural autoridade.

Sendo reprováveis todos os abusos, venham de onde vierem, acontece que muitos anti-paternalistas, em casa e fora de casa, combatem o mais moderado exercício da autoridade, para imporem brutalmente a sua. A um paternalismo sucede outro, mais ridículo e feroz. Muitos anti-paternalistas são, de facto, paternalistas, e da pior espécie. É o paternalismo de baixo, frequentemente pior que o paternalismo de cima. (Cf. V.P., de 10 de Junho de 1972).

Em certos estabelecimentos e serviços públicos e em empresas particulares, em vários sectores da Imprensa e na Televisão, formaram-se grupelhos ou sub-grupelhos, que, a todo o custo e por todos os processos, mesmo os mais indignos,

quiseram tomar conta das alavancas de comando.

Eles, e só eles, é que são o Povo. Os outros colegas, que sentem e pensam diferentemente, os milhões de portugueses que desejam continuar a trabalhar a sério nos campos e nas fábricas, nas escolas e nos laboratórios, que desejam continuar a criar valores e riqueza, sem desbarato de tempo em contínuas reuniões, comícios e arruaças, que não gritam histericamente por tudo e por nada, que respeitam a dignidade e os direitos alheios, todos esses não são o Povo.

Só são o Povo os do grupelho ou sub-grupelho, só eles é que têm direitos, até o de roubar aos outros os seus direitos.

Bem exacto o ditado: «Se queres conhecer o vilão, dá-lhe o pau para a mão...»!

Já se fez a experiência, já se revelaram muitos vilões: revoltados contra a tirania, tornaram-se tiranetes.

Merecem apoio e aplauso a J. S. N. e o Governo Provisório que começaram a impor disciplina (para se não perder a liberdade) a esses mini-dinossauros excelentes...

M. Alvaro V. de Madureira  
(in «Voz Portucalense»)

# Novos Assinantes de «O Gaiato»

«O GAIATO» vai a caminho do 31.º ano. Trinta anos de luta sem tréguas; luzeiro e apoio de duas gerações de leitores! Pois bem; entre eles há os que ficam pelo caminho: uns, por desinteresse; outros, pela lei da vida — efémera. Daí, a nossa velha paixão de despertar permanentemente novos assinantes, que não sejam apenas número — mas almas que participem, que façam seu o nosso Jornal.

Aliás, nenhum periódico — grande ou pequeno — se dispensa das chamadas promoções cíclicas, às vezes sabe Deus como! As nossas, por natureza, são discretas; não arregimentam publicitários, métodos ou técnicas científicas de marketing. São o que são — almas que se identificam e partilham vivências e motivam outros para o mesmo caminho, respeitando a liberdade de cada um.

## ● VOZ DOS LEITORES

Não, a gente não força, nunca forçamos os leitores. Ainda ontem, por exemplo, aparece um antigo assinante do Porto. Alquebrado, mas de cara alegre, espírito jovial. Senta-se.

— Eu já estou inscrito há muitos anos; sei lá, talvez há perto de trinta. Vejam na ficha...

Foi-se a ver e era dos primeiros!

Desfia, entretanto, nomes de rapazes que foram e hoje são chefes de família. Fala de casos que lhe ficaram marcados; de contactos com Pai Américo. Parece ter aberto ou compulsado a história, a colecção de «O GAIATO»!!

— Não venho cá há cerca de dois anos, por doença. Estás a ver... Mas «O GAIATO» nunca me faltou — apesar de dois anos de calote. «O GAIATO» é assim, é o único...!

Falsa modéstia seria fazer, como ora se diz, *censura interna* àquele «é o único». Ele o disse. E sabe porquê. Nós ouvimos e damos graças a Deus e a mais ninguém.

Agora, regozijamo-nos interiormente com uma missiva de Carvalhal (Branca). Eis um resumo:

«Peço a Deus para que ao serem entregues desta minha simples carta se encontrem gozando de boa saúde.

Tenho a informar que, há dias, veio à minha mão um jornal «O GAIATO». Foi a primeira vez que li esse jornal. Gostei muito. Parece-me que tem mais de um ano. Tirei dele a direcção e pensei em escrever. Por agora envio uma pequena lembrança... Quero também que me mandem dizer se há aí livros da autoria do Pai Américo...»

O correio d'hoje — de sempre — é um manancial inesgotável! Com os olhos na alma, curvamo-nos à passagem da Marília:

«Entre os meus alunos do Curso de Educação de Adultos

consegui arranjar 5 assinantes de «O GAIATO».

Serão mais 5 lares cristãos enriquecidos pela mensagem evangélica e tão humana do «Famoso». Que Deus vos abençoe a todos!»

É uma Professora. Diz tudo em poucas palavras. Testemunha, sobretudo, uma grande lição de formação integrada num grupo adulto — por natureza consciente e responsável.

Voltemo-nos a curvar à passagem desta Peregrina — de Sesimbra:

«Venho enviar, em selos, a quantia de 160\$00 para que considerem assinantes de «O GAIATO» mais estes sete...»

Se fosse mais caro não tinha tanta coragem de falar dele mesmo a gente com poucos haveres ou nenhuns. «O GAIATO» também evangeliza.

Cada assinante deu 20\$00 (só). Peço o favor de me dizer o preço da assinatura anual. A quem ofereci ninguém disse «não quero»... Além disso toda a gente simpatiza com esta Obra e o Jornal é interessante.

Faz diferença enviar assinaturas anuais em qualquer altura do ano? Já fiz estas perguntas à Casa do Gaiato de Setúbal mas não tive resposta. Resposta às perguntas, porque a carta foi imediatamente!...

«Honrem a firma, andem!» — era o despacho superior. Respondemos. Cumprimos. E oxalá que, nas calçadas de Setúbal — como às vezes por cá, também — não haja buracos...!

Desfila, agora, sem algazarra, um Partido político que, tendo o maior interesse numa consulta atenta e permanente de toda a Imprensa», pede a assinatura do «Famoso». Quem dera que nesta hora histórica de formação democrática — e sempre — acima das naturais guerrilhas ideológicas, todos e cada um, de mãos dadas — sem demagogia — respeitando a liberdade consciente e responsável — sejam verdadeiros baluartes de acção concreta na defesa dos Pobres e da própria Liberdade. Acção concreta, sublinhamos, que de palavras está o mundo cheio!...

Não podemos, entretanto, esconder debaixo do alqueire esta presença tão amiga, tão amiga!, de Lisboa:

(...) Se bem que a principal finalidade da presente carta

● Antes de mais, muito bom-dia!

Venho debruçar-me, nestas linhas, um pouco sobre a Criança, e os seus problemas.

Numa casa de família há o seu próprio convívio, as horas das refeições, a televisão, a música, o trabalho em si, etc.; tudo isto une as pessoas, mas para as Crianças hoje em dia já isto se torna vulgar. Não se contentam com os mesmos brinquedos e querem sempre mais.

Conheço uma menina que, pelo Natal, além das 10 bonecas que tinha, pedia ao Menino Jesus que lhe desse uma outra, só porque não tinha uma boneca de raça preta!

É realmente impressionante este querer das Crianças quanto a brinquedos. Mas, nas horas livres, o maior amigo delas são, de facto, os brinquedos; às vezes até nem querem as pessoas crescidas à sua beira...

A Criança pobre limita-se a brincar com objectos inúteis transformando-os em brinquedos. Por exemplo, um cabo de vassoura serve de cavalo. Com um pequeno avião fá-lo voar sobre a cabeça, imaginando-o nas maiores alturas possíveis.

No que respeita ao brincar com Crianças acho importante combater aqui certas brincadeiras de adultos, tão impulsivas e brutas, que podem assustar a Criança — ficando marcada com uma terrífica impressão.

É preciso saber brincar com as Crianças!

Também uma coisa curiosa, que me parece, é esta: a de uma Criança receber qualquer coisa, fechar-se depois no seu quarto — não querendo que ninguém a interrompa naquele momento.

fosse pedir as alterações de endereços acima indicados, gostaria também de voltar a contribuir para que, em relação a assinantes propostos por mim, não houvesse «pesos mortos» nos vossos ficheiros, por vários motivos e agora, em particular, devido à crise do papel.

Posso afirmar, sem vaidade mas apenas como motivo de satisfação, que, considerando o número desses assinantes (várias dezenas) e o tempo desde que ando a propor novos (quase duas dezenas de anos), poucas têm sido as desistências. Mesmo em relação aos que indiquei a seguir, dos quais não tenho entregue valores no Tojal, muitos deles não tem sido devido ao facto de me terem comunicado as suas desistências, mas sim por terem saído da Empresa onde trabalho e, devido a esse facto, ter perdido o contacto com eles. Quem sabe, no entanto, se têm tido a «preocupação» de pagar as assinaturas?

(...) Se estes assinantes não têm enviado qualquer valor, mas continuam a ser-lhes remetido o Jornal, penso que «acordariam» com o postal-aviso.

Não quero tomar-lhes mais tempo.

Conto que, desta vez, possa dizer «até breve», pois espero ter o prazer de, pela primeira vez, aí ir fazer-vos uma visita,

# VISTAS DE DENTRO

Esta é uma Criança egoísta e, nestas alturas, é preciso fazer-lhe ver como a sua acção não é correcta.

Com respeito ainda à Criança, tenho a dizer que, por vezes, temos dias tão difíceis que o nosso estado de espírito é triste e pesado levando-nos quase sempre a um desânimo total em tudo. Perante estas coisas ela não deve ser culpada. Temos de nos vencer, ainda que custe muito; é preciso sermos fortes para que a Criança se sinta completamente segura da confiança que em nós deposita.

Tudo isto é um pouco daquilo que por cá vou vivendo com Crianças de caracteres e temperamentos diferentes — e, às vezes, difíceis.

● As quartas-feiras de manhã costumam ser ocupadas na preparação física — até à época das férias — sob a orientação de um professor de ginástica. E, também, neste caso durante todo o ano, com a assistência médica de um clínico, nosso vizinho.

Os rapazes fisicamente bons vão para a ginástica. Os que não podem submeter-se à preparação física são dispensados, pelos chefes ou pelo respectivo professor.

Há dias, o nosso Armindito queixou-se. Tem crises nervosas, sempre que os outros o provocam, o gozam — como

a gente diz. Procurou o médico, no consultório. Nós estávamos. Disse ele: «Querida que o sr. doutor fizesse o favor de me dar um remédio para estes nervos, o que me faz falar mal sempre que se metem comigo!...»

Pobre Armindito, que passou, certamente, por mais uma crise nervosa — frente ao nosso riso apeteçível e amigo!

No fundo mostrou vontade de não falar mal e de ter sempre muita paciência para aqueles que estão sempre prontos para mais um arzinho de piada e de gozo. Sim senhor, Armindito; sim senhor!

Manuel Amândio

## ORDINS

Encontro-me, hoje, bastante desanimada, o que não é de maneira nenhuma a melhor maneira de resolver problemas que surgem, no dia-a-dia, a quem está ao serviço dos Pobres.

Resolvi ir visitar uma Pobre, que conta já 88 anos, quase cega e surda. Depois de uns momentos de conversa e companhia, ouvi-lhe mais de uma dúzia de vezes a mesma coisa, mas ela pensa que é a primeira vez que a conta. Querem saber os senhores do que está convencida?! Viu um filme na Televisão, onde um homem rouba a carteira a outro. O que fica sem a carteira, desesperado, deita-se ao chão, puxa pelos cabelos e grita... Esta Pobre, na sua boa fé e na devoção que tem a Santo António, trata de lhe rezar o responso, pedindo para que o ladrão se arrependa e volte para trás, a entregar a carteira, o que de facto aconteceu! Diz ela: — «Eu fiquei tão contente, que a senhora não imagina!»

Ora eu também ficaria muito contente se os nossos leitores viessem em auxílio de um carpinteiro, com mulher e 4 filhos pequenos, que começou a construir uma casinha e, agora, se vê em apuros para a liquidar — apesar de ainda não estar acabada de construir. Veio pedir ajuda. E aqui é que está a minha tristeza: esta Casa não tem fundos para o poder auxiliar!

Todo o ser humano tem direito a uma casa condigna. Sem esta, não pode haver famílias sãs, nem úteis à sociedade. Leiam, pois, com atenção e ajudem-no com o que puderem.

Desde já agradece a

Maria Augusta

bem como a Miranda do Corvo, em Agosto ou Setembro.

O Tojal, lá me tem de três em três meses...»

Eis uma das colunas de «O GAIATO»!

## ● PORTUGAL DE LÉS A LÉS

Ainda ficam de lado muitas notas valorosas! Paciência. Botemos uma vista d'olhos, geral, pela procissão:

Mais assinantes de Torres Vedras, Tondela, Fânzeres (Gondomar), Travagem (Ermesinde), Souto (Feira), Ovar e Sesimbra. Andam por aqui revolucionários! Um viva para Sesimbra! Lisboa e Porto, muitas presenças. E cheias de vida!

## ● ULTRAMAR E BRASIL

Angola marca! Passa Malanje várias vezes e muito colorida. E Luanda e Carmona e Salazar e Negage e Lobito. Uma valente procissão!

De Moçambique, vai Lourenço Marques à frente — ou não fosse a capital.

Finalmente temos o Rio de Janeiro — do país irmão.

Júlio Mendes



# Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

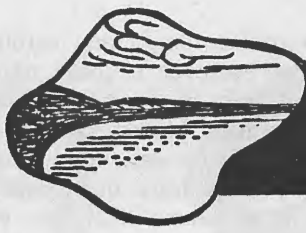
imitação do Mestre. Não era por ignorância dos males objectivos ou por equívoco na apreciação dos valores que Pai Américo chamou ao Barredo «lugar de Santos...». Mas, porque aquele mundo de miséria não podia naturalmente gerar senão miséria, ele denunciou esse mundo e estava certo de que a misericórdia de Deus conta os mártires ali sofridos e retomará a sentença de Jesus à adúltera: — «Ninguém te condenou, mulher?... Vai e não voltes a pecar».

Homem do Povo, como raros; capaz de auscultar e de entender a sua alma — também o Povo o adivinhou e lhe quer.

Numa hora de tanto incenso mal entendido, Deus dê ao nosso Povo (nomeadamente aos mais caídos, aos mais abandonados), homens que o amem de coração sincero; que o sirvam sem segundas intenções — como Pai Américo.

● Falo como filho da Obra. E falo porque me inquieta ver tanta gente que ignora ou deturpa o que é uma Casa do Gaiato, o que é um rapaz ser «gaiato». Affige-me até ouvir este, e aquele falarem. Mais ainda quando são pessoas instruídas ou têm responsabilidades dentro da Assistência. Aos ignorantes puros, é fácil instruir; a quem já tem ideias formadas (e fixas), é difícil, quando não mesmo impossível. Não estou a ser negativo quando digo que me causa apreensão os muitos casos parecidíssimos que presencio. Nem quando digo que eles me revelam uma deficiência de informação e divulgação da Obra, pela parte que nos toca.

Que hei-de dizer daquela mulher do Povo que há dias entrou nas nossas oficinas? Veio pedir orçamento para um móvel. Quando lhe dissemos o preço, ficou admirada do mesmo se equiparar ao do das outras oficinas da cidade. «Podia ter ido a outro lado, mas não fui. Vim aqui para ajudar os rapazitos. Vim para ajudar mas não para ser explorada». E daquela outra que lá porque o móvel não ficou ao seu agrado nos frisou que pagava por sermos uma Obra de Assistência, não pelo trabalho. «Se fosse numa mercadoria qualquer não pagava e não pagava mesmo!» Será bom,



# SETUBAL

desde já, perguntarmos se é assim que a Casa do Gaiato precisa de ajudas? E que conceito de Obras de Assistência têm estas pessoas? E desde quando e em que país deixou o trabalho de ser remunerado pelo próprio trabalho?

Mais uma outra senhora. Amiga de sempre em nossas Festas, pelo «atelier» que põe à nossa disposição. Um destes domingos veio por aí fora dar um passeio e calhou-lhe em caminho a nossa quinta. Mas não entrou e, por conseguinte, não viu nada. Segundo me disse, porque não lhe apareceu um cicero. Respondo: — A Casa do Gaiato é uma porta aberta. Entra-se e sai-se livremente. E ciceros há sempre. Basta entrar aqueles dois murinhos sem portão e pedir. Pequeninos e grandes sabem quem está encarregado de mostrar a Casa. É tudo simples! É tudo ao natural! E ninguém tenha receio de entrar porque não temos guardas para pedirem satisfações.

Também estes rapazes e raparigas, homens e mulheres, de Algeruz, Padeiras e Pontes, não obstante conhecerem a maioria dos nossos rapazes, o que é que sabem da Casa do Gaiato onde tantas vezes vêm? Tenho visto a confusão que por aí vai!...

E na cidade, quantos bem formados nos comparam a um orfanato? Quantos nos chamam «alunos»? Quantos pensam que somos uma «escola» (ouço muitas vezes este termo) de crianças e rapazinhos infelizes? Quantos falam do «senhor Director» que está à frente da «instituição»? Quantos conhecem o padre e quase desconhecem a Casa? Quantos? Quantas mãos seriam precisas para contar?!

Ainda outro caso. O daquela senhora com responsabilidades no campo assistencial que fica a pensar alto quando lhe digo que, sim senhor!, rapazes rebeldes, vadios, da rua, todos os nomes que lhes quiser chamar, mas nunca diminuídos mentais. Nós não somos uma Obra para diminuídos ou anormais!!! E aquele outro que pinta a Obra com as cores lá ao seu gosto, muito cheio das suas ideias fixas, e nos manda «prégar aos peixinhos» quando lhe dizemos o que é e o que não é?

E, por fim, o mais abissal: O daquele senhor que ficou espantado ao saber que os nossos rapazes também podem casar. Deu para rir! Disse na tipografia que nunca lhe passou pela cabeça que «rapazes metidos com padres» pudessem alguma vez casar. Afinal — pergunta-

mos — a Obra da Rua é para criar rapazes válidos, ou é para criar rapazes complexados? Ou religiosos, somente?

Não contamos mais, porque senão, em vez dum artigo, teríamos um livro.

● Os tempos pedem que se informe. Que se instrua — e bem! — quem não sabe. Nesta hora em que se pugna por uma Informação sadia, é preciso dizer tudo e sem escrúpulos. Os nossos vendedores dizem-nos que há muita gente que compra este Jornal só para os ajudarem. E não o lêem. Também fui vendedor e sei que é assim. E mais ainda. Há quem o compra aqui e o rasga acolá, sem sequer lhe passar a vista por cima. E pergunto também. A quantos os livros de Pai Américo não servem de leitura? E as mensagens dos nossos padres por quanta gente não são ouvidas? E quantas vezes, também, são os próprios rapazes que nos deixaram, a informar mal? Ou até (pior ainda!) a maldizem a Obra que os criou? Não precisamos de ir longe. Que testemunhos, por exemplo, dão estes nossos rapazes que casaram e vivem aqui à beirinha de nós? Nem é bom dizer mais nada! Projecto-me dentro desta minha Obra e vejo-me pequenino como ela. E tanto mais ainda quando somos nós, os rapazes, a termos ideias erradas e negativas da nossa condição de «gaiatos». Este assunto é complexíssimo demais para nos ficarmos somente por aqui. Urge eficientemente informar toda a gente, utilizando as fontes que forem precisas. Para acabarmos de vez com todas estas trocas e baldracas.

E já agora abro um parêntese para chamar a atenção dos responsáveis pelo ensino. Creio que não seria descabido, seria até oportuno demais!, se logo a partir dos primeiros livros de Escola fossem inseridos trechos dos livros de Pai Américo ou excertos aqui e ali espalhados pelas páginas de «O Gaiato». É que a Obra da Rua não é só dos «gaiatos». É de todos os portugueses. Existe em Portugal e seus filhos são filhos dos portugueses. Acuso violentamente quem achar que esta Obra não é dele!

N. B. — Que a gente não se esqueça de dizer Casa do Gaiato e não Casa Gaiato. Este do determina e indica posse. É a Casa do Gaiato, para o Gaiato e pelo Gaiato. E o termo «Gaiato» não é aqui sinónimo nem de criança, nem de rapazinho.

Rogério

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



## NOTA DA QUINZENA

Seguíamos de comboio, para o funeral do nosso Cerqueira. Entram e saem passageiros. E, naquela massa de gente, de vez em quando, passa a jacto um ardina, homem naturalmente simpático («Comércio», «Janeiro», «Notícias») já muito conhecido dos passageiros.

O devoto trabalho dos ardinhas — esgotante, pouco recompensado — é um quadro que nos retém a vista e faz recordar outros tempos, em que mais de perto convivemos, além do tu cá-tu lá. Sofremos suas terríveis dores, é certo, como a fome da última Guerra... as mansardas do Barredo... o «Prego»... Ainda hoje, ao topar alguns, poucos, de saca a tira-colo ou noutras ocupações, é um livro aberto. Um quadro de vida!

Quando o do comboio passava junto de nós, na rotina do seu trabalho, do seu pregão, esta imagem dolorosa e o dar as mãos sob a mão paterna de Pai Américo surgia como um filme na tela da nossa imaginação.

Chegámos. Ele divide-se por fregueses de terra. Entregamos o bilhete. Saímos a porta. E enquanto não vem o autocarro, botamos os olhos pelo mostruário de jornais e revistas, pousados no chão e estendidos na vitrine. Surge no quiosque! Uma mulher passa-lhe o testemunho. E ele agita-se com a mesma freima, a mesma devoção, a mes-

ma simplicidade, a mesma alegria, a mesma delicadeza. Um Ardina!

As tantas — e aqui está a lição — ao canto do abrigo da paragem do autocarro, ao lado do quiosque, era um homem idoso, face rugosa, tisanada do sol; mãos calejadas que tiraram do chão o pão de todos nós.

— Olá!

O ardina esbugalha felicidade. Apreciamos a cena; discretamente, enquanto o Pobre, servido nas «demarches» de um documento oficial, queria recompensá-lo com uma nota, muito dobradinha.

— Tome lá pelo seu trabalho. É seu.

— Não é! Só o porte do correio — 1\$50.

Naquela luta — sim e não — venceu a Fraternidade.

Lição! Uma grande lição até, para a sociedade, dita de consumo, em que há leões cuja fome aproveita todas as luvras e o mais. Algumas, infelizmente, já instituição; não digo nacional, mas internacional!

— Tome lá pelo seu trabalho. É seu.

— Não é! Só o porte do correio — 1\$50.

Este é um dos Homens que — no anonimato — segura o mundo. Um raio de luz, escondida; da Luz que o mundo precisa! Aqui vai, para que todos A vejamos cintilar.

## RETALHOS DE VIDA

### O «Alijó»

*Sou natural de S. Mamede de Riba Tua, onde nasci a 4 de Janeiro de 1959. Minha mãe só me teve a mim e a outro, que morreu com um ano de idade.*

*Era muito malandro; não ia para a Escola! Não aprendia nada e dormia fora de casa. Mas, um dia, o padre da minha Freguesia encontrou-me debaixo dos lavadouros e levou-me à minha mãe, que me castigou.*

*O meu pai era muito doente. Não podia trabalhar. Ela é que tinha de ganhar o pão-de-cada-dia. Passámos muita fome!*

*Eu era um miserável! Não me importava de nada, nem do que a minha mãe dizia: «para não fugir e não dormir fora, nos caminhos». Continuava a vadiar...*

*Ela também era muito doente! Não podia andar atrás de mim. As vizinhas ficavam admiradas por andar sempre a procurar-me. Mas não tinham de que se admirar, porque queria o meu bem.*

*Ele era mau! Dizia-me: «Quando a tua mãe te bater arrumalhe com uma pedra ou pega numa navalha e esfaqueia-a toda!! Mas eu não fazia caso. Sou amigo da minha mãe.*

*Ela ia sempre lavar a roupa ao lavadouro e, quando chegava a casa, toda molhada, perguntava se já tínhamos comido. Dizia-lhe que não, porque ele não fazia de comer. «Ela que desenrasque de comer para ti». A nossa vida!*

*Entretanto, os dois adoeceram de tuberculose. Foram para o hospital de Alijó. Depois, ela seguiu para o Caramulo; ele, para a Casa dos Pobres, onde morreu.*

*Então, fiquei entregue a minha tia e fazia a mesma vida de vadio! Resolveu escrever à irmã, que viesse depressa, estava farta de me aturar. A pobre mãe lá veio do Caramulo, meia doente. E seguimos para o Porto a ver se me arranjava lugar na Casa do Gaiato. E ela também queria um emprego. Uma senhora da quinta da Mieira falou com o sr. Padre Carlos e vim para Poço de Sousa.*

*Agora, ando na Escola Primária. Já passei para a 4.ª classe. Trabalho na rouparia. E depois do Ciclo Preparatório TV, quero ser serraheiro.*



POBRES — Um dia fomos alertados: «No lugar X há um velho que dizem ter uns cobres, vive sozinho e passa fome. Um caso de miséria! Mas lá de vez em quando um vizinho dá-lhe o caldo...»

Era assim: Casa, uma baíuca alugada. Lareira, sem vida. Na banca, lodo. No armário, teias de aranha. Na cama, mostruário de farrapos. Ele, mortíco, alquebrado. No fundo dos bolsos, por mais que espiolhássemos, em vez de cobres encontramos outra fortuna — cotão!

Há muitos presépios iguais por esse mundo fora!

Procurámos, logo, amenizar o quadro: alimentação, roupa... Depois, a solução: casa condigna... Aparece, entretanto, desocupada, uma das primeiras moradias do Património dos Pobres, adjacente à nossa cerca, que fora de *ti Maria Mocha*. Pedimo-la. Concederam-na. Mais adiante, como última etapa, o isolamento do sr. João deu-nos coragem de propor que o avôzinho abancasse no refeitório dos «Batatinhas».

Mas, ultimamente, o sr. João definhava. Já como membro da grande família, digamos, sr. Padre Carlos chama a si o problema e, a conselho do médico assistente, manda-o à consulta, ao sanatório de Louredo da Serra — onde está internado. Caverna no pulmão!

Ali, cura a medalha da fome que sofrera. O certo é que a medalha do sr. João — e doutros — revela a desprotecção de que os rurais de enxada foram vítimas — talvez as maiores vítimas. Não é demagogia. É a verdade; uma parte, dolorosa, dos problemas de um País que se

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

lançou na industrialização (praticamente só na faixa marítima, com todo o cortejo sociologicamente desfavorável...) sem, ao mesmo tempo, cuidar seriamente dos campos, sem «levantar os prostrados». A emigração é sintomática...

RECEBEMOS — Na edição anterior contámos, apenas, com a colaboração de três presenças valiosas. Hoje são mais, graças a Deus!

Ora leiam:

«Para a autêntica fraternidade cristã que passa pela partilha e não pela esmola, o habitual da Assinante do Seical» — 600\$00.

Testemunho oportuníssimo!

Uma leitora, de Sabrosa — Fermentões, pergunta:

«Posso mandar, para os vicentinos distribuírem, isto é, darem alguma roupa já usada, mas em bom estado? É roupa minha, portanto de mulher.»

Respondemos que sim e aguardamos.

No pequenino cortejo vai o assinante 18223 com o «2.º semestre para a Conferência — 60\$00». Estes subscritores não dão trabalho a ninguém. São os mais felizes. Quem nos dera muitos!

Mais 50\$00 da assinante 33580, do Porto, entregues no Espelho da

«Há muito tempo que estou para lhe escrever e como não o tenho feito já (como se diz em português «estou com remorsos»), há-de ser hoje sem falta na meia hora que tenho antes de ir a uma lição que é uma bênção do céu pelo zelo do educando, que puxa por mim pedindo mais e mais estudo e versos a aprender em francês.

Pois o caso é este: queixa-se da falta do papel e não

Moda. Chegaram na hora própria. O cofre está quase deficitário!

Outros 50\$00 de uma «Amiga-anônima». Ó riqueza!

Dez vezes mais «daquela Amiga de sempre», também do Porto. Só chegaram hoje — mas vieram a tempo.

Finalmente, mais uma carta do Porto! Aqui está:

«São 50\$00 para a Conferência de Paço de Sousa... Peço-vos perdão do pouco que envio e uma *Avé-Maria* por alma da minha santa Mãe que era grande admiradora da *Obra da Rua*.

Deus tem sido muito meu amigo. Apesar dos meus 64 anos sempre me tem dado saúde e trabalho e, por isso, tenho obrigação de repartir umas migalhinhas pelos que sofrem.»

O verbo repartir abre e fecha!

Júlio Mendes



## Uma Carta

se lembra de pedir aos amigos que não o desperdicem, que o economizem, que o vendam. Assim o fiz; já ganhei 68\$00 e mais: como também luto com os lixos e recolho o que posso para queimar, aconteceu que num saco de plástico com cartas rasgadas encontrei dois selos de 40\$00 (fiscais) que lhe mando já; quanto ao benefício dos papéis vendidos seguirá mais tarde quando pagar, antes de ir a França, a minha assinatura de «O Gaiato» e os livros que recebi. Espero não estar na lista negra mas pode ser que mesmo assim não tenha pago tudo. Em tempos, parti para França inesperadamente por morte do meu irmão; outra vez recebendo um livro dei-o

imediatamente a umas irmãs religiosas a quem dava lição de francês, e provavelmente olvidei pagá-lo. Perdoem-me. Espero que esteja bem de saúde. Talvez irei matar saudades qualquer dia a Paço de Sousa onde já fui há tanto tempo, ainda nova. Agora sou velha, mas porto-me bem de saúde e sou pensionista do Estado francês e espero ajudar pessoalmente de corpo e alma a vossa e, Deus queira, nossa *Obra do querido P. Américo*. Vou algumas vezes ao Tojal e espero ir mais vezes.

Esperando que a minha ideia lhe agrade e a ponha em prática dirijo-lhe os meus agradecimentos,

M. Thérèse»

# ANO ESCOLAR

Gostaria de poder dizer que todos passaram, mas em condições de seriedade.

Tivemo-las na Escola Primária, onde passou somente quem tinha aproveitamento para transitar com bases para o ano seguinte. Ao contrário do que acontece mais vulgarmente com os pais de família, nós pedimos aos professores que façam assim, a não ser com os destituídos e em idade já avançada, que terão de preparar-se, de acordo com as suas possibilidades, para um «exame de adulto».

Seguindo este critério, na 1.ª classe repetem apenas aqueles sete pequenos que em razão dos seus 6 anitos, frequentaram o ano passado mais para se irem ambientando ao dever escolar. Na 2.ª, repetirão 12. Na 3.ª, 6. E assim, este ano, como quase sempre, não haverá repetentes na 4.ª classe; e aqueles que a fizeram estavam aptos mesmo a fazê-la.

Dos que acabaram a Telescola já não podemos dizer o mesmo. Alguns poderão exibir um diploma do Ciclo, que de modo algum significa que eles tenham saber e aptidão para saber mais do que os de uma 4.ª classe razoável à moda antiga. Não dependeu de nós. A informação dos monitores, à qual prestamos a máxima atenção, foi, geralmente, ao longo dos dois anos do Ciclo, inferior à nota final vinda da Telescola. E alguns, se a nota do Posto prevalecesse, teriam de repetir.

Das Escolas Secundárias nem é bom falar! Todos passaram... Porém, dos nove Rapazes que as frequentaram só quatro teriam passado. E se o mérito de um, com média de 18 no 6.º ano, é inequívoco e o de outros também, ao nível mais modesto do 12, no 5.º; já outro no 4.º ano teve deficiência a uma disciplina; e o quarto passou com 13 do 3.º ano, mas era repetente.

Penso que futuramente na «Bolsa» destes valores, devem ter uma cotação muito especial os diplomados de 1974!...

Na Escola de Enfermagem houve uma conclusão da parte teórica do Curso de Auxiliar, com 11 de média e prestação de provas e muito, muito esforço. Espero que deste se possa assegurar aos seus futuros doentes que houve uma preparação conscienciosa.

A nível de Institutos Comercial e Industrial, os três que os frequentaram tiveram resultados conformes às suas tradições: boas! Do que foi o ano-lectivo naquelas Escolas é que não estamos em situação de testemunhar. Oxalá as classificações dos Rapazes valham também para o resto!

Um frequentou o 1.º ano de Arquitectura, que começou mesmo quando é costume acabar. Diz-me que passou; que este ano todos passaram. Mistérios que não me é fácil entender!

N. R. — Os factos referem-se à zona norte, mas o sentir é comum a todas as Casas.

## O «Tónio Zucaca» domestica pardais

Pediram-me que escrevesse para «O Gaiato» a história de um pardal que por mim foi domesticado.

Muitos senhores acham impossível a domesticação de um pardal vulgar. Mas não. E vou demonstrar:

Como o ano passado criei um, desde pequeno até ser adulto, companheiros meus desejaram que criasse outro, este ano. A ideia não me pareceu má. Porém, tive receio. Sabem porquê? Em nossa Casa já se tornava hábito, para muitos rapazes, a criação destes animais...

O mal não estava em criar um passarinho; estava, sim, na malta destruir os ninhos para poder capturar os indefesos animais.

Como era de esperar, o sr. Padre Carlos fez, oportunamente, guerra em defesa dos pássaros. Com receio que recrudescesse a guerra estive para não criar o lindo passarinho que se encontra, hoje, na secção de encadernação da nossa Tipografia, em Paço de Sousa. Mas os meus amigos insistiam: «Po-

des criá-lo desde que não o prendas». Concordei.

«Sénior» foi o nome que lhe dei. A 4 de Junho foi promovido



a novo encadernador! Em princípio depenado e frágil (pequeno que era), deu que fazer como todos os outros que criara. Agora, já adulto, com penas, boas asas e possibilidades de voar, sai livremente da oficina e dá passeios diários pelo campo, onde brinca e convive com os outros pássaros e, de hora a hora, regressa à sua secção. À chegada pousa na minha ca-

beça ou na do Veiga (um dos encarregados da sua educação). Que pena não ter uma fotografia para este número! Vou ver se consigo uma para ser publicada talvez na próxima edição...

Como houve uma semana de chuva sucessiva, «Sénior» não abalou da oficina. A propósito: mesmo quando anda em passeio pelos campos e nota a presença de perigo, recolhe-se imediatamente junto de nós. Depois de se achar em segurança puxa-nos os cabelos, os botões, até mesmo os lábios — como se nos desse beijos!

Quando não sai, suja as folhas das obras de livro em acabamento e bem assim outras variedades de impressos. Isto faz com que o Júlio, logo de manhã, fique um pouco desnoiteado. É natural.

Sei que da parte dos nossos leitores talvez haja quem não acredite nisto, mas peço quando tiverem oportunidade de visitar a nossa Casa, em Paço de Sousa, recomendem ao cicerone que vos traga à encadernação para verem o «Sénior». Claro, terá de ser em dias úteis, porque aos domingos a oficina está fechada.

E pronto, amigos leitores, cá vos esperamos de braços abertos, aguardando a vossa visita.

Um abraço de nós todos, em especial do vosso amigo

António Vieira Manuel

